

PASSO A PASSO HOMENS RESILIENTES

Elisiê Peixoto



P43p

Peixoto, Elisiê

Passo a passo: homes resilientes/ Elisiê Peixoto. – Londrina:
EdUnifil, 2015.
46 p. : il.

Inclui bibliografia

1. Violência doméstica 2. Homens 3. Comportamento social I. Elisiê
Peixoto.

CDD – 362.8292

Bibliotecária Responsável Erminda da Conceição Silva de Carvalho CRB9/1756

PASSO A PASSO HOMENS RESILIENTES

Elisiê Peixoto



LONDRINA - 2015

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO.....	7
PREFÁCIO.....	8
PROJETO CAMINHOS: QUEM É ESSE HOMEM?.....	11
DEPOIMENTOS DE HOMENS ATUANTES NO PROJETO CAMINHOS.....	15
DEPOIMENTOS DA EQUIPE PROJETO CAMINHOS.....	21
DEPOIMENTOS DE AUTORIDADES.....	25
FOTOS DO PROJETO CAMINHOS.....	30
IMPrensa.....	35
POSFÁCIO, QUEM SOMOS.....	43

AGRADECIMENTO

Desde 2010 escrevo livros em prol da causa da mulher, abordando temas que tratam a violência doméstica, o aborto clandestino, a prevenção do câncer de mama e a violência sexual. Neste livro, a abordagem é outra e ela me despertou, a princípio, uma mistura de sentimentos: receio, curiosidade, solidariedade. Conversar com homens autores de violência doméstica foi algo desafiador; afinal, minha rotina na série “Mulheres Resilientes” sempre foi a convivência com o universo feminino. Já o universo masculino se revelava um território inimigo quando se tratava de violência doméstica.

Ao aceitar o convite da Associação Nós do Poder Rosa, mais uma vez tenho que agradecer pela confiança. O agradecimento se estende a todas profissionais que atuam junto ao Projeto Caminhos, uma iniciativa valiosa, que proporciona aos participantes um tempo para uma reflexão sobre seu cotidiano junto à família, em especial, ao lado da esposa. Oportuniza a cada homem rever suas atitudes, sobretudo em relação à violência doméstica e familiar. O Projeto objetiva algo que vai muito além do acompanhamento aos homens cumpridores de medida protetiva. Ajuda sim, a integrá-los à sociedade, ao contexto familiar, e assim fazer com que entendam que a violência, seja ela física, psicológica, sexual ou moral, jamais será bem-vinda.

Muitas histórias de violência doméstica são iniciadas com uma agressividade verbal. A partir disso, situações extremas podem ocorrer. Daí a necessidade do grupo reflexivo entender que nada, absolutamente nada, justifica um ato contra a mulher. E concluo com uma frase que escutei de um homem, autor de violência doméstica, participante do Projeto Caminhos: “Mulher não foi feita para ser agredida. Mas para receber carinho. Hoje busco a paz, a convivência harmoniosa com a minha esposa e filhos. Aprendi a pensar antes de agir. Você recebe aquilo que dá. Estou dando amor e colhendo amor”. (Elisiê Peixoto)

PREFÁCIO

Este livro é de suma importância, pois mostra um pouco o lado do alçoz, o homem, na relação com a mulher e com a família.

Temos uma tendência em pré-julgá-los, pois na história da humanidade, sempre mostraram mais agressividade e poder do que as mulheres, incitando inclusive uma certa inveja, como diz Freud, pois quem não deseja poder?

Pensando no ser biológico que somos, o homem foi feito com um hormônio poderoso, a testosterona, que o coloca pronto para o sexo e o deixa mais agressivo que as mulheres, tudo isto importante para a sobrevivência da espécie, pois além de poder ter vários filhos com mulheres diferentes, como já foi na civilização, tinha força para defender e cuidar da sua família.

A civilização foi tomando outros rumos, o amor a dois prevaleceu, os frutos desta união passaram a ser o foco familiar, mas o ser biológico continua atuando com sua memória de impregnação registrada em seu sistema límbico.

Além disto, o homem, como a mulher, é um ser psíquico, fruto de uma história familiar transgeracional e do momento em que vive, que também é fruto de uma história social e cultural.

Sendo assim, ele precisa ser olhado e compreendido como um ser humano, que também carrega em si fragilidades, precisa de cuidados como todas as pessoas.

Não é o super herói que gostaríamos que fosse, nem nosso inimigo como muitas vezes é visto, nem um lobo perigoso que atacará quando você menos espera.

O homem carrega dentro de si uma criança, muitas vezes machucada,

abusada, agredida fisicamente e com palavras e estas marcas traumatizantes atuam biologicamente ativando uma conexão entre hipotálamo, hipófise e supra-renal deixando-o em constante reação de alarme, atacando para se defender de seus fantasmas internos projetados em sua esposa, filhos, pois são estes que acabam sendo os bodes expiatórios, por terem maior vínculo com ele, sendo assim, pensa que não os perderá, e descarrega sua agressividade, fruto de uma depressão encoberta, que acaba por fragilizar seu sistema imunológico.

Tanto homens quanto mulheres precisam ser cuidados, atendidos em suas dores e feridas internas. São seres humanos e a compreensão, a reeducação com amor e limites, a reestruturação da personalidade se tornam imprescindíveis.

Todos carregamos uma criança interna e ela mostra como é a nossa saúde mental. Se for espontânea, criativa, há saúde. Quando encontramos revolta, agressividade, timidez, há sofrimento, transtornos mentais se instalaram e estas pessoas precisam ser cuidadas, compreendidas e não punidas, pois geralmente a punição é só uma repetição do seu passado, reeditando aquilo que lhe fez tão mal.

Parabéns Elisiê, pela sua iniciativa, pela sua criatividade e sensibilidade.

Você fez um brilhante trabalho.

Profa. Dra. Denise Hernandes Tinoco.

Psicóloga, Psicoterapeuta, Doutora em Psicologia, Coordenadora do curso de psicologia da UniFil.

"Tristezas, angústias, são meras curvas no caminho da perseverança e da vitória".

PROJETO CAMINHOS: QUEM É ESSE HOMEM?

No Brasil, uma em cada quatro mulheres sofre com a violência doméstica. As estatísticas mostram que grande parte dos ferimentos físicos e assassinatos ocorrem entre pessoas que vivem juntas. Infelizmente, ainda que a luta pelo fim da violência doméstica continue com determinação e força, os homens também continuam a bater, violentar e agredir verbalmente.

Sabemos que em toda relação amorosa é comum haver discussões, que existem argumentos de ambas as partes e isso é saudável. Viver uma relação é ter pontos de vista diferentes e tolerados. Trata-se de uma forma de respeitar a outra pessoa, escutar, acatar e até concordar. Porém, na violência, o outro é impedido de se expressar.

Já escrevi outros livros que tratam da violência contra as mulheres e afirmo que a agressão física não acontece de uma hora para outra. Um homem jamais se aproxima de uma mulher para conquistá-la com uma agressão, seja ela verbal ou física. Jamais. E tudo tem início muito antes dos empurrões e golpes. Começa com o desprezo, uma intimidação, um deboche, uma humilhação. Tudo com um único objetivo: minar a autoestima da companheira. Depois vêm os xingamentos, os empurrões, os tapas, os murros. Conversei com mulheres que tinham marcas profundas no rosto, no corpo, na cabeça e na alma. As cicatrizes estão lá e são vistas todos os dias por essas mulheres cada vez que se olham no espelho.

A violência verbal, as ameaças são os primeiros sinais. Um homem que ameaça a esposa pela primeira vez tem que parar por ali. Se outro passo for dado, se a ameaça for esquecida, certamente ela será repetida. Um palavrão saído da boca de um homem é como uma lança arremessada no coração da mulher. Ela perfura, é cravada e sangra. Se isso for esquecido, virão outras e outras.

“Violência gera violência, os fracos julgam e condenam, porêm os fortes perdoam e compreendem”. (Augusto Cury)

Todo relacionamento saudável exige a troca constante de amor, respeito, cumplicidade, consideração, aceitação, renúncia, paciência, admiração. Se tudo isso ceder espaço à violência verbal ou física, o casamento acaba. Não tem como continuar. O conflito está instalado e, a longo prazo, o desfecho pode ser o pior. Homens e mulheres têm as mesmas necessidades psicológicas — trocar afeto, expressar emoções, criar vínculos. Por que, então, um homem passa a agredir a mulher? Como pode o príncipe encantado, do dia para a noite, transformar-se num algoz? Quem é esse homem?

Buscando essas respostas, o Projeto Caminhos foi instalado com muita propriedade e sabedoria. E acima de tudo, com a melhor das intenções, procurando entender o perfil psicológico desses homens agressores. A restauração familiar, o bom convívio com a esposa e filhos, a volta ao lar de forma consciente e pacificadora, fez com que o Projeto Caminhos tenha se tornado uma alternativa eficaz para esses homens e mulheres. Nas reuniões lideradas por uma equipe multidisciplinar, os homens têm a consciência de que a mulher precisa constantemente ser lembrada de seu valor, de quanto é amada, seja com simples gestos de carinho e verbalizações de amor para que se sintam especiais.

Uma medida prevista na Lei Maria da Penha obriga os homens denunciados à Justiça por agressão a participar desse tratamento em grupo. Segundo os coordenadores do Projeto Caminhos, dos 300 homens atendidos, somente um voltou a cometer o crime de agressão contra a mulher. O projeto é uma parceria do Ministério da Justiça com a Secretaria Estadual de Justiça (Seju). Os homens são encaminhados para o tratamento pela 6ª Vara Criminal, mais conhecida como Vara Maria da Penha. Eles passam por entrevista jurídica e psicossocial e, depois, são encaminhados para os grupos reflexivos.

Nas entrevistas com esses homens para a elaboração do livro

“Passo a Passo – Homens Resilientes”, observei a convicção da necessidade de mudança, do arrependimento. Conscientes de que uma palavra de baixo calão pode dar espaço a atitudes piores, esses homens, de faixas etárias diferenciadas, afirmaram a necessidade de o Projeto Caminhos ter continuidade. Eles ressaltaram a ajuda que esses encontros proporcionaram, trazendo à tona traumas e sentimentos que foram esquecidos.

Concluo dizendo que a linguagem do amor deveria ser universal. Mas não é, porque existem históricos de vida diferentes que influenciam a maneira com que cada um expressa e recebe amor. Aqueles homens, em sua maioria, são marcados por uma infância infeliz, pelo abandono dos pais, pela dureza da vida. O Projeto Caminhos restituiu a esses homens a visão do significado de uma família baseada no amor. Provou que é possível uma convivência harmoniosa.

Meu desejo é que esse Projeto tenha continuidade, que mais famílias sejam restauradas, que maridos retornem para as esposas transformados e dispostos a uma vida pacífica. E que nunca nos esqueçamos de que a família é um projeto de Deus. *(Elisiê Peixoto)*

“Violência não é um sinal de força, a violência é um sinal de desespero e fraqueza”. (Dalai Lama)

“A não-violência e a covardia não combinam. Posso imaginar um homem armado até os dentes que no fundo é um covarde. A posse de armas insinua um elemento de medo, se não mesmo de covardia. Mas a verdadeira não-violência é uma impossibilidade sem a posse de um destemor inflexível”. (Mahatma Gandhi)

DEPOIMENTOS DE HOMENS ATUANTES NO PROJETO CAMINHOS

Sou casado há 41 anos. Meu filho estava assistindo vídeo game um domingo à tarde, eu passei pela sala e ele me ofendeu porque alegou que eu estava atrapalhando. Começou a me ofender, nos enfrentamos, ele me deu um soco e a minha esposa acabou caindo. Fui à construtora, pedi a conta, voltei na minha casa, peguei as minhas coisas e fui embora. Quando tudo se acalmou, voltei para casa e o oficial de justiça pediu para eu sair. Fui embora para Jandaia e, mais tarde, o advogado falou que eu podia voltar para casa. Eu e minha esposa nos reconciliamos porque nos amamos. Mas o filho começou a criar problemas de novo. Ontem mesmo, minha filha estava em casa com os netos brincando e ele gritou e resmungou. Fui falar com ele, o suficiente para me ofender. Vou pedir ajuda ao Grupo Caminhos, não sei mais como agir. Gostei demais de participar do grupo, fiz amizade com todos. Estou aprendendo a ter paciência com esse filho, estou aprendendo a exercer o amor. Quando ele me ofende, vou para um canto e começo a rezar, pedindo a Deus ajuda e paciência. Minha história de vida é triste: tive um pai jagunço, ele me batia até eu desmaiar. Apanhei muito até os 19 anos. Mas nunca dei um tapa num filho (Laurindo, 59 anos, três filhos; trabalha na construção civil).

Estou separado há dois anos, fui casado durante 10 anos. Eu sempre visitava a minha esposa e um dia o namorado dela estava lá. Ela começou a me xingar e falou que eu a agredi. Chamou a polícia e fui preso. Participei do Grupo Caminhos, fiz amizade e vi que tem gente igual a gente. Eu era de beber, sei que isso também não é bom. Mas no Projeto aprendi muita coisa, inclusive sobre o direito da mulher (Genival, 31 anos, trabalha na sacaria).

Foi muito bom o projeto; acho que pode ser melhor, no

“Afogue a tristeza nas ondas da alegria; enxugue as lágrimas no manto do sol e faça brilhar um sorriso nos lábios. A boca que vive a chorar desaprende a sorrir”.

sentido de prevenção. O casal deveria participar, não apenas o homem, mas a mulher também. Eu dei um “chacoalhão” nela, não bati, mas sei que foi inadequado e o suficiente para ela me denunciar. Mas sou um homem decente. Trabalho desde os 12 anos e meu pai abandonou a gente, foi embora. Tenho marcas na minha vida. Mas sou um bom homem (Isaias, 38 anos, motorista).

Sou divorciado há oito meses e depois de dois meses separados, ela resolveu fazer essa confusão toda. Temos dois filhos, um com 5, outro com 7 anos. Ganhei a tutela antecipada e depois ela fez a denúncia. Por causa disso fiquei quatro meses longe dos meus filhos, voltei a vê-los agora. Com o Projeto Caminhos aprendi a tomar decisão. Conheci tanta gente boa, fiz amizade. Mas eu vi que neste grupo ninguém fez nada de ruim. Somos denunciados pelas mulheres, que deveriam participar do Projeto também. Não somos os únicos culpados, elas também têm a parcela de culpa (E. A. J, 34 anos, vendedor).

Apoio o Projeto Caminhos porque nos ensina a refletir. No final dos três meses fizemos uma festa para comemorar a amizade. Conheci muita gente boa e as palestras foram positivas. As minhas duas filhas moram comigo e eu ainda gosto da minha esposa (Athair, 34 anos, auxiliar de enfermagem).

O projeto é bom, ajuda a refletir, mas é indispensável que as mulheres participem também. Você aprende tanta coisa, inclusive os direitos dos homens e das mulheres. Elas deveriam escutar também, assim ajudaria muito na harmonia do casal (Gleison, 34 anos, segurança).

Projeto bom. Aprendi, como se fosse uma escola, como devemos nos controlar e respeitar o ser humano. Mas a lei tem que ser para os dois (Pedro, 35 anos, operador de máquinas).

Cada pessoa tem uma história, vi que não estou sozinho.

“A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota”. (Jean-Paul Sartre)

Às vezes fazemos coisas que não queremos fazer. Aprendi a ter paciência (André, 32 anos, engenheiro, um filho).

O problema na minha relação foi devido aos ciúmes. Morava junto há dois anos e meio e já tinha dado confusão por causa disso. Ela tem dois filhos de relacionamentos anteriores. Não teve agressão física, somente verbal. Acho que a pessoa que for casar deveria participar do Projeto Caminhos. Mas acho errado as reuniões acontecerem no Fórum, deveria ser em outro lugar. A gente vem aqui e todo mundo fica olhando e julgando (Anderson, 37 anos, contador).

Estou divorciado tem seis meses e tenho um menino com 10 anos. Fiquei casado durante 10 anos e tudo começou quando comprei um apartamento através do projeto “Minha Casa, Minha Vida”. Entramos na casa em 2012, pintei o apartamento, fazia o que podia. Ela implicava que eu saía com os amigos e, como o apartamento estava no nome dela, começou a me cobrar, jogava na minha cara. Um dia dei um empurrão nela. No dia seguinte ela deixou uma carta pedindo para eu sair de casa e foi embora para mãe dela. Eu fiquei, mas o oficial de justiça chegou e pediu para eu sair. Fiz o Projeto e gostei muito, aprendi que mulher não foi feita para a gente ofender, agredir, foi para dar carinho. Esse Projeto não deve acabar nunca e o grupo que eu participei foi excelente. Recebi bons conselhos e o Projeto deveria se estender às mulheres também. Sugiro que o grupo se reúna em outro lugar, não no Fórum. É desconfortável, porque aqui somos apontados e julgados. Essa exposição é muito ruim para nós (Geovanildo, 37 anos, metalúrgico).

Sou trabalhador, exerço a minha profissão em diferentes lugares. Quando aconteceu a confusão, estava trabalhando em Maringá. Eu só trabalhava e enviava todo dinheiro para ela. Não ficava com quase nada. Nunca bebi álcool, minha vida é trabalho.

“Não deixe que a tristeza do passado e o medo do futuro te estraguem a alegria do presente”.

Um dia ela ligou pedindo para vir embora que ela queria conversar. Vim com a cabeça quente, de moto, quase morri na estrada. Cheguei aqui ela disse que não me queria mais porque eu trabalhava longe de casa. Fui embora para a minha mãe, logo ela me pediu pensão. Depois não deixou pegar mais os meus filhos. Eu sempre fui um bom pai, faço tudo por eles. Por isso acho que o Projeto precisava escutar também as mulheres. E até colocar marido e mulher junto, para os psicólogos fazerem a acareação e ver quem está mentindo. Mas aprendi com o grupo, fizemos amizade, foi muito bom. Não tenho o que reclamar (Fabio, 33 anos, pedreiro, três filhos).

Separamo-nos, ela levou o carro que pagávamos juntos e ficou me devendo nove mil reais. Não me pagava. Um dia fui à casa dela cobrar. Ela ficou com raiva, me denunciou porque queria que eu parasse de cobrá-la. Fui lá também, porque precisava dos prontuários pra levar no hospital porque fiquei internado 20 dias. Ela aproveitou disso falando pra polícia que eu ia na casa dela para ameaçá-la. Adorei o projeto, estou com saudades dos amigos e das assistentes sociais. Elas são boas profissionais. Mas deveria ter grupo de mulheres também (José Cláudio, 58 anos).

“Participei do grupo, fiz uma retrospectiva da minha vida, entendi os direitos da mulher, entendi que um casal permanece junto porque se ama e se respeita. Fui tirado da minha casa de forma sumária, fui acusado. Sei que existem homens que são punidos com razão, mas tem outros que nem são questionados, são arrancados das suas famílias mediante uma denúncia. Mas o grupo foi positivo, convivi com outros homens com problemas parecidos, aprendi muita coisa. Teria que ter um grupo para as mulheres, quem sabe para o casal” (Tulio Turazzi, 53 anos, engenheiro mecânico).

“Fiquei um ano com essa mulher, não deu certo. Durante três anos ela me perseguiu, nunca aceitou a separação. Casei-me porque ela estava grávida. Eu participei do grupo e acho que deveria ter

“Uma das coisas importantes da não violência é que não busca destruir a pessoa, mas transformá-la”. (Martin Luther King)

mais dias, ser mais frequente, ter outras atividades. Eu aprovo, valeu a pena” (WRS, 40 anos).

“Tive a melhor impressão do Grupo. O Projeto Caminhos é muito bom, escutei os depoimentos dos outros homens, fomos bem orientados pela equipe de psicoterapeutas. Deveria ter mais dias de reflexão. Aprovei” (Florêncio Menezes Monteiro, 53 anos, empresário, duas filhas).

“Meu problema é que a sogra se metia demais na relação, atrapalhou. Saí de casa afirmando que ao lado da mãe dela não morava mais. O grupo mudou a minha vida, me fez enxergar muitas coisas. Eu era bravo, me tornei mais calmo, com mais paciência. Me ajudou demais” (Silvano Elias de Paula, 33 anos, um filho com 7 meses).

“O Projeto foi esclarecedor, abre a cabeça da gente. O difícil é quando você volta para a esposa. A gente está tratado, mudado, mas a mulher, não. Então não há cooperação. E tenha a certeza de que, se a mulher tiver outro relacionamento, ela irá cometer exatamente o mesmo erro. Ela quer voltar comigo, mas do jeito que ela continua, não volto” (Valdir de Melo, 47 anos, motorista de ônibus, quatro filhos).

“Nunca bati, mas ofendi verbalmente. Mas ela é muito nervosa, e a filha dela foi quem me denunciou para a lei Maria da Penha. E a mãe aprovou. Tentamos quatro vezes, entre idas e vindas. Mas não tem jeito. Agora estou bem, gostaria que o projeto Caminhos tivesse uma continuação. A gente fez amizade, foi muito bom porque todas as informações que recebemos lá sempre são para o nosso bem. Vou sentir falta” (Otaviano Ribeiro do Amaral, 59 anos, aposentado).

“Acho importante esse grupo reflexivo porque já enfrentei violência doméstica e naquela época não havia uma ajuda para os

homens. Eles precisam entender que bater em mulher é horrível. Carrego muitas marcas no corpo e na alma. Mas sobrevivi. Tem gente que não tem a mesma sorte”. (Clarice, 40, assistente de enfermagem)

“Meu marido não gostava de mim. Mas também não deixava eu ir embora. Um dia fugi. Ele mandou alguém atrás de mim, mas não voltei. Apanhei muito. Esse Projeto que você diz, com certeza teria ajudado ele a entender seus traumas. Quem sabe isso teria feito ele parar de descontar em mim”. (Violete, 40 anos, porteira)

“Sofri violência doméstica 20 anos. Com a lei Maria da Penha consegui me livrar daquele homem doente. Não sei se esse grupo ajudaria. Mas se existisse na minha época de casada, com certeza pediria para ele participar”. (Vânia, 53 anos, dona de casa)

“A pior coisa é apanhar do marido. Um homem que você escolheu para te proteger e passar o resto da vida com você. É uma decepção grande demais pra gente superar do dia pra noite. Livrei-me daquele carrasco depois de muitos anos e com muita coragem. Que bom que hoje existe o Projeto Caminhos para ajudar mulheres como eu”. (Jussara, 60 anos, aposentada)

“O Projeto Caminhos ajuda o homem. Mas é um grande aliado da mulher. Ele tem que existir sempre”. (Virginia, 28 anos, professora)

“Que boa notícia é essa do Projeto Caminhos. Vai ajudar os homens a entenderem que numa mulher não se bate nem com uma flor”. (Lidiane, 33 anos, professora)

“Acho importante esse Projeto Caminhos. Toda agressão começa com um xingamento. A mulher que não se iluda, depois da agressão verbal vem o primeiro empurrão, depois o tapa, depois o murro. Foi assim comigo. Chega uma hora que você tem medo dia e noite. Espero que o projeto continue”. (Marilice, 47 anos, Marilice)

“A violência destrói o que ela pretende defender: a dignidade da vida, a liberdade do ser humano”. (João Paulo II)

DEPOIMENTOS DA EQUIPE PROJETO CAMINHOS

RELATO ADVOGADA: REJANE ROMAGNOLLI TAVARES ARAGÃO

A Lei 11.340/2006 dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Descreve em seu artigo 45, parágrafo único que “nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação”. Dessa forma abre as portas para as praticas restaurativas. Através deste artigo da Lei “Maria da Penha”, surge o Projeto Caminhos, no qual todos os envolvidos no conflito contribuem para a convivência da comunidade. Por meio das praticas restaurativas fica claro que o controle da criminalidade não é somente responsabilidade dos especialistas da justiça criminal, mas de todo um conjunto de atores sociais e econômicos. Assim, no cotidiano e na prática com esses homens, verifica-se que a violência doméstica deve ser refletida e analisada com cautela e somente assim, com ações concretas e com o trabalho de uma equipe multidisciplinar, poderemos romper diversas barreiras sociais e encontrar a harmonização nas relações familiares.

RELATO COORDENADORA: RENATA MACIEL DE FREITAS

Quando penso no Projeto Caminhos, sempre me vem a ideia de novas possibilidades que podem culminar em uma nova trajetória e uma nova decisão. Trabalhar com homens autores de violência doméstica contra mulher é um grande desafio, porque exige que a todo tempo se pense na construção social que nos atravessa, a nós técnicos e a eles, e que está tão gravada em nós. Construção esta que há milênios os autorizou a serem fortes e a usarem da força para resolver seus conflitos. Nesta perspectiva parece que

"A violência gera o sofrimento a tristeza e a dor. Sorria, semeie alegria. Plante a paz e colha o amor".

a mudança não cabe, fica inadequada, limitada, mas o fato de o caminho ser desafiador não impossibilita que seja percorrido. O objetivo do projeto é fazer com que estes homens nos grupos reflexivos e responsabilizantes possam se enxergar em suas relações e vislumbrar outros caminhos para lidar com os conflitos pessoais e interpessoais que não sejam os que utilizam violência.

Acredito que tanto homens como mulheres possam mudar a direção de seus passos se souberem da existência de novos caminhos. Somos todos caminhheiros, homens e mulheres, e por isso precisamos durante toda vida aprender e reaprender a caminhar.

RELATO PSICÓLOGO: HERBERT DE PROENÇA LOPES

Quando comecei o trabalho no Projeto Caminhos, eu procurava imaginar quem eram os "agressores". O perigo de querer traçar um perfil é de focar uma questão cheia de relações complexas em aspectos individualizantes, como se o problema da violência contra a mulher fosse estritamente vinculado a estes homens. Abordar a violência de gênero é pensar na construção do que é ser homem e mulher. Nesse caso, entendemos que gênero é um processo social. É um conjunto de ideias, valores, normas, expectativas e outras características dispostas na sociedade que direciona nossa construção de gênero. Quando criticamos o machismo, estamos nos referindo a um sistema de relações de gênero que colocou a mulher, ao longo da história, em posição inferior ao homem. O trabalho no Projeto me fez compreender que os homens autores de violência iconizam um problema na qual a sociedade toda está envolvida. De fato, existem várias formas de legitimar a desigualdade de gênero, desde uma propaganda na TV que coloca a mulher numa posição de objeto, até as formas mais extremas, como o caso da violência. Do ponto de vista pessoal, o Projeto Caminhos é um serviço de responsabilização aos homens autores de violência, resultado da

operação da Lei Maria da Penha. De alguma maneira, penso que a proposta reflexiva do projeto deve ter ressonância social. Uma reflexão sobre outras formas de lidar com os dilemas da vida sem fazer uso da ferramenta da violência, seja qual for o nível. De buscar outras relações de gênero que não sejam marcadas pela dominação ou exploração ou discriminação ou preconceito. Nossa identidade, aquilo que nos define enquanto “indivíduos”, não é um dado imutável e estático. Nós temos a potência de mudança, de transformação da nossa identidade, quando buscamos outras alternativas, outros caminhos.

RELATO PSICÓLOGA: ELAINE CRISTINA CALEGARI DA SILVA LIMA

O Projeto Caminhos me trouxe um novo olhar, o da possibilidade. A possibilidade de olhar para além de uma sentença. A possibilidade de novas escolhas, novos caminhos. Nesta caminhada aprendi e cresci muito intelectualmente, profissionalmente, humanamente. Neste caminho encontrei caminhantes. Na busca de um mundo sem violência contra mulher, guerreiras generosas e dedicadas a causa, estudiosas, doutoras, mestres, professoras, mulheres. Só pude olhar para além, pois estava sobre o ombro de gigantes. Nessa caminhada encontrei amigos, profissionais gabaritados que aprendi a admirar, respeitar e amar. O Projeto Caminhos foi um lindo caminho com flores e seus espinhos, com sol e chuva, com a noite e as estrelas. Foi uma linda caminhada. É uma honra ser caminhante. Obrigada.

RELATO ASSISTENTE SOCIAL: CRISTIANA SILVA DOS ANJOS

É gratificante poder atuar abordando questões tão intrínsecas à sociedade como um todo, mas de maneira especial nas relações familiares, quando envolve afeto e responsabilidades.

“A alegria abre, a tristeza fecha o coração”.

O grande desafio para quem deseja trabalhar com prevenção de violência é o de evitar reproduzir padrões violentos no contexto, onde somos permeados por questões relacionadas a gênero, ou seja, a construção social do masculino e feminino, que por vezes autoriza a violência. Estamos inseridos numa sociedade violenta, onde podemos observar um nível crescente de violência acompanhada de uma intensa campanha de banalização da mesma. É necessário voltar nosso olhar para dentro de nós mesmos em busca dos pilares emocionais e conceituais que movem nossas ações. A ideia central é de que temos algo a contribuir para a promoção das relações familiares, viabilizando alternativas de resolução de conflitos.

RELATO ASSISTENTE SOCIAL: LUZIMARA ALMUDI LOBO

O dito popular “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” acaba por dificultar que denúncias sobre violência intrafamiliar cheguem mais rápido aos órgãos competentes. Na intimidade do casal ninguém tem o direito de se intrometer e, assim, a violência continua se naturalizando através de um processo cultural em que as pessoas acreditam que seja uma crise do casal. O Assistente Social é um agente de combate à violência, atuando na prevenção e na eliminação dela. Além de atender as mulheres e filhos, devem trabalhar com os homens autores de violência, refletindo com eles sobre os principais determinantes que levam à violência, para que eles possam modificar suas relações e formar novos valores sociais.

“Nunca use violência de nenhum tipo. Nunca ameace com violência de nenhum modo. Nunca sequer tenha pensamentos violentos. Nunca discuta, porque isto ataca a opinião do outro. Nunca critique, porque isto ataca o ego do outro. E o seu sucesso está garantido”. (Mahatma Gandhi)

DEPOIMENTOS DE AUTORIDADES

Embora não tenha acesso aos indicadores de desempenho do projeto, acredito que estava indo bem, mas já acabou, como várias outras ações sociais neste país. Projetos começam por iniciativa civil e de voluntários, produzem efeitos positivos, mas devem ser assumidos pelo governo federal. A violência doméstica e a do trânsito não são exclusivas de Londrina ou Paraná. Entendo que este tipo de política pública, não muito diferente de outras, requer continuidade por muitos anos. A violência doméstica, além de um ato vergonhoso, e desde 2006 um crime, trata-se de uma ação de caráter cultural muito forte, o que não se erradica a curto ou médio prazo. São necessárias gerações para que mude uma cultura. Digo isto com muita propriedade. Aos quinze anos de idade presenciei meu pai agredindo minha mãe e isto me marcou muito. Mas foram necessários outros quinze anos de boa educação (criados pela mãe sem tocar no assunto ou me dizer que era errado) e estudo, para que eu constituísse família e entendesse que a agressão à mulher é inaceitável. Hoje entendo o porquê de meu pai ter agredido minha mãe: o alcoolismo; um grave problema social que leva aos muitos outros problemas. Entramos em outra, das diversas causas de violência, como um todo e não exclusivamente à mulher. E as outras causas da violência? Onde está o poder público presente para evitar ou minimizar? Como era esperado e justificado, este projeto trouxe, traz e trará resultados positivos, porque se trata de uma boa política de solução deste problema social grave. Com tantas secretarias de Estado e ministérios neste país, o executivo tem de assumir projetos de sucesso como este. Não temos a cultura do voluntariado tão enraizada ao ponto de assumir e dar continuidade plena em projetos sociais relevantes como este. Caso contrário ele não estaria perdendo continuidade. Finalizando, acredito que este tipo de política pública deveria ser melhor caso fosse multidisciplinar entre

“A força gerada pela não violência é infinitamente maior do que a força de todas as armas inventadas pela engenhosidade do homem”. (Mahatma Gandhi)

o judiciário, executivo e universidades, com seu público interno das áreas de ciências humanas. (Maj. BM Wilson Oliveira Paulino/Corpo de Bombeiros de Londrina/Especialista e Formulação e Gestão de Políticas Públicas/ UEL). *(Maj. BM Wilson Oliveira Paulino)*

A juíza de Direito da 2ª Vara da Infância e Juventude de Londrina, Claudia Catafesta, também é membro da Comissão Estadual de Práticas Restaurativas do Tribunal de Justiça do Paraná, tem sido frequentemente convidada para falar sobre a Justiça Restaurativa e como sua prática se dá efetivamente, quais os objetivos e planos para a implantação. Ela explica que já existe no Brasil há 10 anos e o Rio Grande do Sul é um dos estados pioneiros na sua utilização. “Agora, o Tribunal de Justiça do Paraná teve a iniciativa de implantar em algumas comarcas do Estado. Recentemente, em Londrina, 25 pessoas entre juízes, psicólogos, educadores e pessoas da comunidade foram capacitadas em cursos especializados, visando à aplicação das práticas restaurativas em Londrina. Nosso foco é para que, em 2015, a Justiça Restaurativa seja utilizada como uma ferramenta eficaz para a resolução de conflitos, onde a vítima tem voz, é ouvida. A ideia é que Londrina dissemine essa ferramenta para outras áreas judiciais, bem como nas escolas e na comunidade, já que a participação das pessoas direta e indiretamente relacionadas com o conflito é importante para a construção de soluções e busca da pacificação social. Os círculos de construção de paz, metodologia que é utilizada nas práticas restaurativas, é um instrumento poderoso na prevenção de conflitos. Também queremos capacitar pessoas para essa prática em comunidades. Na Justiça Restaurativa, a vítima participa da solução. Trata-se de um processo de conciliação e restauração, dando voz e valor aos envolvidos e também às pessoas afetadas indiretamente”.

(Cláudia Catafesta)

São quatro anos de instalação da Vara Maria da Penha ou 6ª Vara Criminal de Londrina. São atualmente, em vigência, mais de dois mil ações judiciais – 1,5 mil delas dizem respeito à violência doméstica contra mulheres, enquanto as outras são sobre violência contra crianças e adolescentes (90% são de violência sexual) e crimes contra o Estatuto do Idoso. A Vara Maria da Penha, ou a 6ª Vara Criminal de Londrina, foi inaugurada em outubro de 2010. Em 2013 foram realizadas 852 audiências, nas quais foram ouvidas 2.150 pessoas. Até setembro de 2014 foram computadas 547 audiências e 1.486 pessoas foram ouvidas. Segundo a juíza Zilda Romero, a maior dificuldade é dar mais agilidade aos processos, afinal, uma vítima espera muitos anos para a resolução de um caso. Para isso ser revertido, a partir de 2015, o Município terá a Patrulha Maria da Penha, um convênio que será firmado entre a Prefeitura e o Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR). O convênio vai treinar 20 guardas municipais para garantir que as medidas protetivas sejam cumpridas. Sobre o Grupo Caminhos, a Dra. Zilda Romero ressalta que é um programa modelo e que vigorou durante todo o ano de 2013, com sucesso, na própria Vara, com o apoio da Secretaria de Estado da Justiça (Seju), no qual 392 homens foram acompanhados por uma equipe multidisciplinar. “Esses crimes da Vara Maria da Penha têm penas brandas, que variam de 4 a 6 meses, em regime aberto. A equipe que atendia esses grupos de homens era formada por profissionais competentes das áreas judiciais, assistência social e psicologia. O resultado foi excelente, com propostas dos próprios autores da violência, no sentido de melhorar ainda mais o projeto. É importante dizer que na Comarca de Londrina temos a delegacia da mulher, o CAM, Rosa Viva, Abrigo, que dão suporte para as mulheres vítimas de violência doméstica. Mas não há uma política pública para os homens agressores. O Grupo Caminhos foi tão positivo que pretendemos dar continuidade com o “Projeto Basta”, e que será coordenado pelo Patronato Central/

“Valorize quem te ama, esses sim merecem seu respeito. Quanto ao resto, bom... ninguém nunca precisou de restos para ser feliz”.

Departamento de Execução Penal da Seju e desenvolvido pelo Patronato de Londrina. Dia 28 de novembro estarei participando do evento “Aspectos Práticos do Enfrentamento à Violência de Gênero: o enfoque no autor da violência doméstica”, que acontece em Curitiba, tendo como público alvo Juizes de Direito, Promotores de Justiça, operadores do Direito, servidores públicos, estudantes, representantes de organismos governamentais e não governamentais, movimentos sociais, entre outros. Quando irei ressaltar os bons resultados obtidos junto ao Grupo Caminhos e a importância de dar continuidade a esse trabalho, utilizando-se da mesma metodologia, só que sob nova denominação, o “Projeto Basta”. *(Zilda Romero)*

Fonte: <http://www.jornaldelondrina.com.br/londrina/conteudo.phtml?tl=1&id=1506557&tit=Patrulha-e-programa-vaio-reforcar-Lei-Maria-da-Penha-em-Londrina> /Acesso em novembro/2014

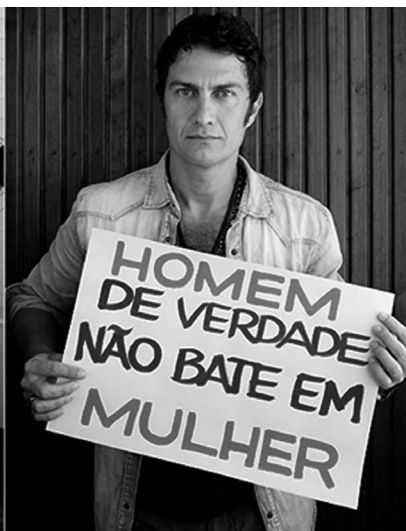
As ações conjuntas entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, apoiadas pela Sociedade Civil organizada, sempre contribuem no fortalecimento de políticas públicas à comunidade, em se tratando, especificamente, da violência contra as mulheres, acredito que a única alternativa para a sua diminuição é o esforço coletivo entre essas instâncias, o que já ocorre em nossa cidade de Londrina, quer seja através da *Rede Municipal de Enfrentamento a Violência Doméstica e Sexual Contra a Mulher*, como também através das diversas parcerias já estabelecidas em nossa comunidade. É um grave problema que precisa ser enfrentado e erradicado numa verdadeira “força tarefa” a ser realizada por toda sociedade. Portanto, é de suma importância discutir, entender e mudar este quadro que atinge a todas as camadas sociais, rompendo o silêncio que acoberta tantas atrocidades cometidas no recesso do lar. Este quinto livro da série rosa - mulheres resilientes **“Passo a Passo: Homens Resilientes”**, escrito pela jornalista e escritora Elisiê Peixoto para

“Caiu?... levante e recomece, não fique ai no chão se julgando, já tem muita gente fazendo isso por você”.

a Associação Nós do Poder Rosa é uma coletânea de depoimentos de homens agressores que passaram pelo Projeto Caminhos, acompanhados por uma equipe multidisciplinar, durante o ano de 2013. No qual, os mesmos, por força de lei, foram obrigados a freqüentar grupos de estudo e discussão, cujo tema era o da própria violência contra a mulher. A importância dos encontros e seus relatos ao promover o debate e desenvolver ações preventivas e educativas voltadas à questão, ajudou aos mesmos a dar um largo passo no enfrentamento e superação do problema, ou seja, não mais agredir suas mulheres. Neste caminho, o livro e todas as ações realizadas, mostram-se, como o norte certo para que ocorram as mudanças esperadas. *(Alexandre Lopes Kireeff - Prefeito Municipal de Londrina)*

"Não adianta falar em paz, ou desejar a paz, o importante é saber viver em paz".

FOTOS DO PROJETO CAMINHOS



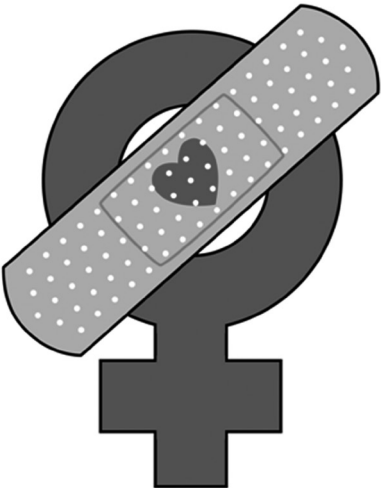
“Nunca destrua a sua vida, lute e sofra, para que um dia você possa dizer, lutei e sofri mas venci”.



**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.
CHEGOU A HORA
DE DAR UM MURRO NA MESA.**

"Assim que você confiar em si mesmo, saberá como viver".

Programa de Paz
Violência contra a mulher

A large, dark grey female symbol (a circle with a vertical line and a horizontal crossbar) is centered. A grey bandage with white polka dots is wrapped diagonally across the symbol. In the center of the bandage is a small black heart with white polka dots.

QUEM AMA, RESPEITA!

Programa de Paz
Violência doméstica

Two simple, round cartoon characters are shown side-by-side. The character on the left has a black triangle on its head and a bandage on its cheek. The character on the right has a black semi-circle on its head and a bandage on its cheek. Both characters have sad, downward-slanting eyes and simple mouths.

QUEM AMA, RESPEITA!

“Não esqueça que no mundo onde há pessoas que te desprezam, existem pessoas que te amam”.



"Momentos difíceis podem ser superados quando se tem amor".

**NÃO INSULTE.
NÃO HUMILHE.**

A violência doméstica é crime. Denuncie.

Ligue **800 202 148** ou **144**
(Chamada Grátis)



“A fé em Deus nos faz crer no incrível, ver o invisível e realizar o impossível”.

IMPrensa

Notícias/Grupo no Rio trata agressor de mulher
Publicada em 16-01-2009

GRUPO NO RIO TRATA AGRESSOR DE MULHER

Projeto-piloto do governo federal em Nova Iguaçu atende 12 homens com histórico de violência contra companheiras.

Objetivo do atendimento é reduzir a reincidência de casos; atendimento, porém, não substitui a pena imposta ao agressor.

ITALO NOGUEIRA
DA SUCURSAL DO RIO

Após dois anos de aprovação da Lei Maria da Penha, o governo federal implementou o primeiro centro público de atendimento de agressores de mulheres, como determina a lei. O objetivo é diminuir a reincidência dos autores de crimes de violência contra mulheres. O projeto-piloto -que se aprovado será modelo para todo o país- foi implantado há um mês em Nova Iguaçu (Baixada Fluminense). Com verba de R\$ 1,1 milhão da Senasp (Secretaria Nacional de Segurança Pública), a prefeitura vai implementar o programa até 2009 e atender até 900 homens. Segundo dados da Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, mais de 18 mil relataram ao centro de atendimento do governo (telefone 180) terem sofrido alguma violência. Muitos casos, para a secretaria, são de homens reincidentes, o que se pretende combater com o projeto. “Quando uma mulher encerra o ciclo de violência saindo de casa, ou qualquer outra coisa, esse mesmo agressor arruma outra mulher e a espanca. Não temos dados estatísticos sobre isso, mas é algo que está permanentemente nos serviços públicos”, afirmou a subsecretária de Enfrentamento à Violência da SPM, Aparecida Gonçalves.

A metodologia aplicada em Nova Iguaçu foi criada por ONGs, e já é usada experimentalmente há nove anos no Rio, São Paulo e Recife. Mas é a primeira vez que o poder público oferece o serviço como determina a Lei Maria da Penha.

PENA

O atendimento não substitui a pena imposta ao agressor pelo juiz, mas pode ser a única determinação do magistrado em alguns casos. No entanto, gestores municipais e federais apresentam divergências

“Somos livres para escolher o caminho a seguir e construir nossa história, mais é a fé e a perseverança que nos levam alcançar grandes ideais”.

em relação ao público que o centro poderá receber. Fernando Acosta, diretor do Serh (Serviço de Educação e Responsabilização para Homens Autores de Violência Doméstica contra a Mulher) de Nova Iguaçu, considera importante aceitar não apenas homens encaminhados pela Justiça mas também voluntários (que já tenham passagem por delegacias especializadas de atendimento à mulher ou não). “Os encaminhados pela Justiça, chegam se sentindo injustiçados. Eles têm uma grande resistência ao programa, o que dura por uns oito encontros. (...) Os voluntários já chegam sabendo que algo não está bem com eles. No diálogo com os outros, eles servem de contraponto. Uma coisa é um psicólogo, um psicanalista, um educador facilitar uma conversa para que o homem perceba que algo não está bem com ele.” Já Gonçalves acredita que o encaminhamento deve ser feito apenas pela Justiça. “A responsabilização não pode ser da minha cabeça, da cabeça de uma psicóloga, da cabeça de alguém da área de saúde. A responsabilização tem que ser judicial, porque senão vamos começar o período da inquisição.” Segundo Acosta, o primeiro grupo de discussão formado em Nova Iguaçu por 12 homens têm sete encaminhados pela Justiça e cinco voluntários.

São Paulo, domingo, 30 de novembro de 2008
Folha de São Paulo cotidiano

“APRENDI A NÃO BRIGAR”, AFIRMA EX-AGRESSOR

DA SUCURSAL DO RIO

O comerciante X, 57, afirma que dava “uns trancos” na mulher até responder na Justiça por violência contra a mulher. Casado há 36 anos, ele afirma que o tratamento de grupo por qual passou o ensinou a “virar as costas” quando “provocado”. “A melhor maneira de brigar é virar as costas e seguir seu caminho. Quando você faz o errado, simplesmente perde a razão”, afirmou o comerciante, que pediu que seu nome não fosse divulgado. Depois de responder na Justiça por agressões à mulher, ele integrou um grupo de discussão de homens agressores, o que o fez refletir sobre o motivo pelo qual agredia a companheira. “Eu não fui educado. Fui criado por italianos. (...) Com o tratamento, percebi que esse machismo exacerbado não leva a nada”, observou.

A metodologia -aplicada por ONGs (organizações não-governamentais) desde 1999 e adotada em Nova Iguaçu no primeiro serviço público de atendimento a agressores- consiste na formação de

“A fé é necessária para o ser humano como o ar que respiramos”.

grupos de discussão de 12 a 14 homens em média, sobre temas como machismo, violências contra a mulher e relação de gênero.

SOCIALIZAÇÃO

“Discutimos a socialização dos homens, baseado num código de masculinidade que os homens teriam que cumprir: sendo seletivos com determinados sentimentos como amor, afeto, medo, tristeza, tendo sempre que ser bem-sucedido, podendo expressar ódio e raiva... É todo um código inalcançável, idealizado, que nenhum homem consegue cumprir. Tudo isso vira fonte de sofrimento para o próprio homem e para as violências que praticam contra as mulheres”, disse Fernando Acosta, diretor do projeto em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense.

(IN) /Fonte: <http://www.observe.ufba.br/noticias/exibir/31>Acesso: 08/06/2015

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

PR GANHA GRUPOS DE REFLEXÃO PARA HOMENS AGRESSORES

Em 2015, ao menos 15 municípios oferecerão tratamento aos autores de violência doméstica. Projeto Basta cumpre determinação da Lei Maria da Penha.

07/12/2014 | MARCELA CAMPOS E PAULINE DE ALMEIDA, ESPECIAL PARA A GAZETA DO POVO

Texto publicado na edição impressa de 08 de dezembro de 2014

“Eu fiquei preso por quatro meses e 23 dias. Durante uma briga eu agredi verbalmente a minha esposa e fisicamente a minha filha.” Aos 56 anos, R.M é um dos 97 homens que participaram, entre 2013 e 2014, de um grupo de reflexão em Londrina, no Norte do Paraná, voltado a autores de violência doméstica punidos pela Lei Maria da Penha. Entre os participantes, muitos nem sabiam que estavam sendo agressivos e encaravam as atitudes como normais, o que reforça a tese de que “assim como elas necessitam de apoio para deixar de apanhar, eles precisam de ajuda para parar de bater”. Embora desde 2006 a Lei Maria da Penha determine a criação de centros de educação e reabilitação para os agressores, as medidas nesse sentido sempre foram pontuais, mantidas por iniciativa de poucos municípios

“Pra mudar de vida é preciso mudar as atitudes”.

PERFIL

Embora a maior parte dos homens do Projeto Caminhos, de Londrina, tivesse de 25 a 35 anos, o projeto chegou a receber um integrante com mais de 70. Os perfis são variados: de pedreiros a empresários, e das mais variadas faixas de renda. Porém, quem trabalha na área diz que as famílias de renda mais alta recorrem antes a planos de saúde, psicólogos e psiquiatras.

e por curtos períodos. A esperança é que a situação mude a partir do ano que vem, com a implantação do Projeto Basta, desenvolvido pelo Patronato Central do Paraná com financiamento da Secretaria Estadual da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (Seju) e da Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti). A iniciativa será desenvolvida por meio dos Patronatos Municipais em ao menos 15 cidades: Apucarana, Campo Mourão, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Guarapuava, Irati, Jacarezinho, Londrina, Maringá, Paranaguá, Paranaíba, Pitanga, Ponta Grossa, Toledo e Pontal do Paraná.

O Projeto Basta foi inspirado na experiência londrinense, que por sua vez teve como “guia”

um programa tido como modelo na área, desenvolvido desde 1999 em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. O desembargador Marcelo Anátocles, do Tribunal de Justiça do Rio, foi um dos primeiros a criar grupos de reflexão para homens que haviam agredido suas mulheres.

Na época juiz titular do Juizado Especial Criminal de São Gonçalo, vara que atendia os casos de violência doméstica do município, ele sentiu na pele a resistência de membros da sociedade e do Judiciário ao investimento de esforços no atendimento aos homens.

CICLO

Se normalmente o réu de um crime nega a prática, a situação é outra quando se trata dos casos da Lei Maria da Penha. Segundo Anátocles, o homem na maioria das vezes admite a conduta, porque ela é aceita culturalmente. O desembargador explica que o objetivo dos grupos é resolver o problema que está por trás do crime, a naturalização da violência contra a mulher. “Quando o processo judicial é aberto, o homem pode romper o relacionamento com aquela mulher, mas não interrompe a violência contra outras parceiras. É preciso mexer com a subjetividade daquele homem”, avalia.

A psicóloga Renata Maciel de Freitas, que coordenou os grupos em Londrina, afirma que os homens encaminhados ao programa apresentavam características machistas e usavam a violência como forma de

“Não termine o dia sem dizer ao menos uma palavra de carinho, você pode mudar uma atitude errada com elas!”

frear um comportamento da mulher considerado inadequado. “Nos grupos nós discutíamos os papéis femininos e masculinos construídos socialmente e que, às vezes, autorizam a violência como forma de correção”, explica.

Os agressores eram acompanhados durante quatro meses. O projeto funcionou entre fevereiro de 2013 e fevereiro de 2014. Durante esse período, houve apenas um caso de reincidência.

ATENDIMENTOS SERÃO OFERTADOS EM PARCERIA COM UNIVERSIDADES

O Projeto Basta integra uma iniciativa maior, o Programa Patronato, criado pela Seju, em agosto de 2013, para acompanhar o cumprimento de medidas alternativas e de penas em meio aberto. Os atendimentos a homens autores de violência doméstica serão ofertados a partir de parcerias com universidades estaduais, de onde virão equipes multidisciplinares compostas por estudantes, professores e profissionais recém-formados em Direito, Serviço Social, Psicologia, Pedagogia e Administração.

As equipes já foram selecionadas por meio de edital e em alguns municípios estão em processo de capacitação. O dinhei-

MUDANÇAS

“Hoje minha filha é minha melhor amiga”

R.M, 56 anos, e E.G, 37, participaram de todas as sessões do grupo reflexivo ofertado em Londrina, onde a iniciativa ganhou o nome de Projeto Caminhos. Os atendimentos não trouxeram o retorno com as antigas companheiras, mas provocaram mudanças na percepção de mundo dos dois. R.M ficou detido por quatro meses e 23 dias após agredir fisicamente a filha e verbalmente a esposa, com quem era casado há 28 anos. No Caminhos, ele encontrou um espaço onde se sentiu à vontade para partilhar sua vivência. “Eles deixam você falar, fazem perguntas, você tem o direito de se expor. É muito bom”, avalia.

A violência doméstica – segundo ele, provocada especialmente pelo consumo de álcool – cessou. R.M ainda mora na residência com a família, mas não mantém o relacionamento amoroso com a esposa. Ele conta que o projeto motivou reatar o laço afetivo com a filha. “Hoje, ela é minha melhor amiga.”

E.G foi acusado de cometer violência doméstica contra a ex-esposa, com quem tem dois filhos e ficou casado por 14 anos. “Eu acho que era muito machista, a gente trabalhou essas coisas no grupo e eu mudei bastante”, diz.

Segundo a psicóloga Renata Maciel de Freitas, ex-coordenadora do Projeto Caminhos, os participantes passaram a buscar formas de resolução dos conflitos sem o uso da violência. Embora os resultados positivos sejam inegáveis, o desembargador Marcelo Anátocles ressalta que os atendimentos não podem ser vistos como solução para todos os casos. “Alguns homens tiveram de participar novamente do grupo [em São Gonçalo]. Em outro caso, descobrimos que o autor de violência era um psicopata e advertimos o juiz”, alerta.

“Mesmo que você tenha enfrentado a maior dor da sua vida... ainda assim, creia, a vida é boa e Deus é melhor ainda”.

ro para a contratação dos estagiários e profissionais virá do Programa Universidade sem Fronteiras. Segundo a Seju, os homens autores de violência serão inseridos em grupos de até 15 integrantes e participação de 12 encontros, cada um com cerca de duas horas de duração. “Em Londrina estamos acabando capacitação da equipe em dezembro, para começar os grupos em 2015. Em Guarapuava, Jacarezinho e Foz, os homens já começaram a ser atendidos”, afirma Iris Miriam do Nascimento, coordenadora do Patronato Central do Paraná.

De acordo com a atual legislação, o homem que comete agressão contra a mulher pode ser preso em flagrante ou preventivamente, para garantir a integridade física da vítima. O juiz também tem autoridade para aplicar imediatamente uma série de medidas protetivas contra o agressor, como o afastamento do lar e dos filhos. De acordo com Iris, é o Poder Judiciário que determinará quais homens serão encaminhados aos grupos reflexivos. A participação pode ocorrer, por exemplo, como alternativa à prisão ou como complemento às medidas protetivas.

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pr-ganha-grupos-de-reflexao-para-homens-agressores-eh45919c3og0xn1cwjmalece/> Acesso em 08/06/2015.

“O sucesso não é o final e o fracasso não é fatal:
o que conta é a coragem para seguir em frente”.



**LA VIOLENCIA
CONTRA LA MUJER
SE EJERCE DE
DIFERENTES FORMAS**
en el colectivo, en la ciudad, en la vida...
Asistencia en situaciones de violencia de género

Área de la Mujer
Programa de Atención y Prevención de la Violencia de Género
Instituto Mujer

0800 444 0420

Oficina Urbana Municipal
Situación de violencia en el hogar
0800 444 0999

Red de Mujeres del Programa Regional
Unidades de atención fuera de horario. También disponible para hablar

Logo of the Spanish Government, logo of the Ministry of Equality, logo of the Institute of Women, logo of the Spanish Federation of Women's Organizations (FEMES), logo of the Spanish Federation of Women's Organizations (FEMES), logo of the Spanish Federation of Women's Organizations (FEMES)

**NO QUEREMOS
ESE APOYO**

Plan Nacional de Igualdad de Género 2011-2015



**AINDA TEM
HOMEM QUE TRATA
ASSIM SUA
CARA-METADE**

Nada justifica um homem agredir uma mulher. E se ela é a pessoa que ele escolheu para viver junto, nem se fala. Quando uma mulher sofre qualquer tipo de agressão, ela não sofre sozinha: sofrem os filhos, os familiares, os amigos. Se você for vítima ou souber de algum caso de violência contra a mulher, denuncie. Delegacia das Mulheres: 3442 4301 – Conselho dos Direitos da Mulher: 3322 2266.

Logo of the Ministry of Women's Empowerment (MAMM), logo of the Gender Policy (GDF)

“Sou como pássaro prestes a levantar voou, não sei onde estou, mais sei que rumo tomar”.



NÃO EXISTE MULHER QUE GOSTA DE APANHAR
O QUE EXISTE É MULHER HUMILHADA
DEMAIS PARA DENUNCIAR,
MACHUCADA DEMAIS PARA REAGIR,
COM MEDO DEMAIS PARA ACUSAR,
POBRE DEMAIS PARA IR EMBORA.

“Não adianta esperar resultados diferentes repetindo as mesmas atitudes de sempre”.

POSFÁCIO, QUEM SOMOS

Um início despretensioso. Uma ação junto às mulheres dos prefeituráveis e às candidatas à vereança de Londrina, em 2008, deu início a um movimento capitaneado por entidades comandadas por mulheres.

A nossa logo, desenvolvida pelo designer gráfico Edvaldo Jacinto Correia, representa muito bem quem somos. Os perfis de mulher traduzem a nossa pluralidade: de raça, etnia, cultura, profissão, filosofia política, também pluralidade de talentos, personalidades, estilos e, por que não, de humores.

Juntar mulheres transformadoras não é tarefa fácil. Mas, uma vez juntam, estas mulheres poderosas chegam com dinamismo, força e determinação, com experiências, objetivos, know how e savoir faire. Elas fazem acontecer.

Rapidamente, o Movimento Poder Rosa transformou-se na ONG Nós do Poder Rosa. Em 2011 já detínhamos o Certificado de Utilidade Pública Municipal, graças ao projeto de lei encaminhado pela Vereadora Lenir de Assis. Nosso campo de atuação também se ampliou: deixamos de atuar no fim da cadeia da violência, só dando atendimento à egressa da Casa Abrigo Canto de Dália, mantida pela Prefeitura Municipal de Londrina e passamos a estudar, analisar e atuar na causa do problema.

Já temos diversos reconhecimentos e conquistas:

1. Menção à entidade no CONFAM, da BPW-Brasil, em 2010
2. Utilidade Pública Municipal, 2011
3. Prêmio Sensibilidade pelo CEME/FACIAP, em 2014
4. Selo ODM 2015, pelo Nós Podemos Londrina

5. Troféu Você e a Paz, pela Associação Espírita de Londrina, homenagem e reconhecimento aos esforços empreendidos a favor da PAZ e da não violência em nossa sociedade (2014).

Já somos atuantes no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, na Rede Municipal de Enfrentamento à Violência Doméstica Sexual contra a Mulher, no Conselho Municipal da Paz e na Ong Londrina Pazeando.

Nós do Poder Rosa, atualmente, temos objetivos bem definidos:

1º. O enfrentamento à violência intrafamiliar, aqui compreendendo o combate à violência doméstica contra a mulher e ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, tendo os disque-denúncia 180 e 100 ou 125 como ferramentas. E agora, o disque 153, Patrulha Maria da Penha.

2º. O empoderamento da mulher através da capacitação, tendo a informação como ferramenta.

3º. A ocupação de espaços públicos pelas mulheres, em especial maior presença nos processos eleitorais.

Precisamos de uma mulher forte, cônica de seus direitos e deveres. Nós, mulheres, somos mais da metade da população mundial (54,1% da população) e mães da outra metade, como nossa companheira Elza Correia nos ensina, quando fala do papel político de nossa ONG. Nós, mulheres, superamos os homens e nas universidades em número e aproveitamento, nós já ultrapassamos os homens enquanto chefes de família. Só temos que ser mais atuantes, inclusive, politicamente.

Nós do Poder Rosa destacamos e enaltecemos a resiliência das mulheres, entendendo resiliência, conceito tomado da física pela psicologia, quando a matéria após sofrer pressão consegue

“A fé em Deus nos faz crer no incrível, ver o invisível e realizar o impossível”.

retornar ao estado anterior, ou seja, para qualificar uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar, com equilíbrio, problemas e adversidades.

Nós do Poder Rosa, consideramos, ainda, nossa grande parceira, a jornalista Elisiê Peixoto, uma das pessoas mais qualificadas no tratamento da resiliência pelo grande número de depoimentos de vítimas tomados ao longo dos cinco livros desta Série Rosa. Sendo que este último livro, nosso 5º livro, enfoca a resiliência do homem agressor, o réu: homens que foram levados a refletir sobre suas vidas, sobre a violência nelas e sobre a violência gerada em suas famílias. Ninguém melhor que esta pessoa excepcional, desprendida em relação a seu tempo e dinheiro, para dar continuidade a este projeto, enfocando o restauro das relações familiares. Será a consequência natural deste 5º livro. Nós do Poder Rosa estamos agora envolvidas e engajadas com o projeto da implantação da JUSTIÇA RESTAURATIVA, em Londrina, principalmente na Vara Maria da Penha. Buscando resgatar as relações familiares através do diálogo, da avaliação apreciativa.

Nós do Poder Rosa trabalhamos na esperança de construir uma corrente do bem, na construção da PAZ, procurando atuar politicamente nas esferas de decisão e, enquanto sociedade civil organizada, no combate à endêmica corrupção. Segundo dado divulgado pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, se gasta no Brasil 258 bilhões de reais com a violência, que representa 5,4% do PIB Nacional. Enfrentar a violência e construir a PAZ é o nosso caminho, combater a corrupção será nossa ferramenta principal.

TUDO PARA SALVAR VIDAS!
ROSÂNGELA KHATER¹ e SÔNIA MEDEIROS²

1 Presidente da Associação Nós do Poder Rosa

2 Vice-Presidente da Associação Nós do Poder Rosa e atual Secretária de Políticas Para Mulheres

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações

Título PASSO A PASSO: Homens Resilientes
Organizadora Elisiê Peixoto
Capa Edvaldo Jacinto Correia
Revisão Eleonora Smits
Editoração | Projeto Gráfico DJÖH Soluções Criativas / Mkt Fila
Formato 16x23
Tipografia Adobe Caslon Pro
Futura LT
Andada
Número de páginas 46
Impressão Midiograf
Tiragem 1000